



Caminho Livre¹

Sckarleth Alves MARTINS²
Dandara Palmares de MORAIS³
Kárita Souza CARVALHO⁴
Leandro Eduardo Wick GOMES⁵

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Este artigo trata de forma introdutória conceitos de fotojornalismo enquanto mecanismo de registro histórico e propagador de sentidos. De modo que, a presente fotografia clareia um retrato parcial das movimentações sócio-econômicas que figuram a realidade da produção e comércio do gênero têxtil na região centro-oeste. Estuda-se o retrato das feiras livres como um espaço democrático e agregador de identidades. A indústria de confecção e o mercado informal enquanto mecanismo propulsor da autonomia financeira dos seus agentes.

PALAVRAS-CHAVE: Imagens; feiras livres; fotojornalismo;

INTRODUÇÃO

A indústria de confecção atua como fonte geradora de emprego e renda, pois perpassa vários caminhos para que ocorra a transformação da matéria-prima no produto final. A cidade de Goiânia-GO é um pólo têxtil da região centro-oeste na produção e comercialização das peças de vestuário, sendo popular por suas indústrias e feiras livres de confecções.

Devido à produção em massa da região metropolitana de Goiânia, os viajantes fazem com que essa região tome características transitórias. Há compradores de todo o país que realizam compras por atacado e revendem nas suas cidades de destino. Uma forma de trabalho popularmente conhecida como, sacoleiros.

Segundo dados da Agência Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados) são 170 indústrias de calçados registradas em Goiás, que produzem cerca de 30 milhões

¹Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Fotojornalismo.

²Aluna líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: sckarlethmartins@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: moraisdandara@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: karita_carvalho@yahoo.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: leandrogomes@ufmt.br



de calçados por ano. Responsáveis por gerar aproximadamente 10 mil empregos diretos e indiretos.

A entrada massiva de produtos vindos da capital goiana na cidade de Barra do Garças- MT e região nos chamou a atenção. Não há conhecimento exato do contingente dessas mercadorias, pois não há controle fiscal.

No segmento de confecções, de forma global, há como característica um elevado grau de diferenciação das matérias-primas utilizadas, concorrência e ações de marketing empresarial. Destaca-se pela estrutura a forte fragmentação e diversidade de escalas técnicas e produtivas. E por outro lado, possui um mercado bastante segmentado, com um elevado número de produtos e consumidores distintos no que diz respeito à cultura, renda, idade e outras características.

As feiras livres são caracterizadas por ser um local em que se comercializa uma variedade de produtos, em um espaço democrático que movimenta a economia e a criatividade. Mas também há feiras segmentadas, especializadas em artigos têxteis, comidas, eletrônicos e etc.

O mercado informal é composto por empresas familiares que produzem e comercializam confecções. O sistema envolve costureiras, sacoleiros, feirantes (expositores). No setor de confecções é gritante a identidade ocupacional e de gênero, evidenciando seus problemas sociais de exploração e da mão-de-obra deficitária.

Facções são contratadas pelas pequenas e médias confecções com o intuito de reduzir os custos e garantir o prazo de entrega. É a terceirização da indústria e a transferência dos riscos empresariais. Analisando o processo de terceirização Druck apud Viera (2009, p.51) afirma: “(...) o processo vem acentuando o caráter excludente do padrão de acumulação no país, visualizado através da precariedade do trabalho e do emprego.”

2. OBJETIVO

Busca-se por meio deste uma aplicação de teorias e técnicas apreendidas durante o curso da disciplina de Oficina de Fotojornalismo, ministrada no segundo semestre de 2011. Proporcionar uma análise técnica e sociológica da imagem em questão, bem como a construção de uma visão panorâmica do contexto histórico-social da região.

Humanizar uma personagem cotidiana, que em meio às suas limitações, alça novas perspectivas perante a realidade marginalizada do papel social do vendedor ambulante.



Ampliar o comentário com a força da representatividade que é a imagem. É uma prescrição que vai de encontro à verdadeira pessoa e ela é vista conforme a intencionalidade do olhar, perpassando por entre empatias e preconceitos.

3. JUSTIFICATIVA

As feiras livres funcionam como campo fértil para uma das vertentes do mercado informal, a figura dos sacoleiros. Trabalhadores que driblam a precariedade do mercado e o baixo custo final, numa competição árdua com as grandes indústrias.

Em meio ao processo capitalista de produção, esses ambientes respiram o fulgor de uma identidade brasileira. A pluralidade de conceitos e valores que permutam entre tradição e a busca pelo reconhecimento.

O uso da imagem “Caminho livre” se deu devido ao seu potencial de apreensão do real em um momento. Um recorte temporal composto por objetos que circunscrevem potenciais sentidos à mensagem fotojornalística. “Seja como documento social ou expressão artística, o registro fotográfico propõe, remete e indica caminhos e alteridades que merecem ser objeto de estudo, pesquisa, leituras e análises.” (QUINTAS, 2007, p.2)

Portanto, no fotojornalismo a premissa do relato noticioso permanece, enfatizar o real independentemente das técnicas aplicadas é mister. “É relevante enfatizar a idéia de que toda a regra de expressão no jornalismo fotográfico pode ser violada quando a intenção é clarificar a mensagem.” (SOUSA, 2002, p.75)

A aplicação da regra dos terços na imagem dispõe a mercadoria no ponto de atração, ascendente em direção a mulher que as organiza. É um domínio de composição que visa um efeito unificado, uma sensação no leitor/espectador. O desfoque da personagem aproxima-se da capacidade de visão do olho humano, pois é biologicamente impossível que se capte a mensagem de maneira homogênea, quando os compostos de cena estão igualmente nítidos, “Um fundo confuso, face ao qual o motivo se dilua ou perca importância, raramente permite construir uma mensagem clara.” (ibidem, p.85)

A leitura dos compostos enunciativos sugere uma autoafirmação da personagem por meio do trabalho, ou seja, uma objetivação da identidade.

“As coisas subverteram-se e o objeto a ser fotografado já não estava a serviço do simples reflexo da realidade, de uma leitura puramente pela identidade ou por seu reconhecimento. Com efeito, é na diversidade de abordagens, na expansão das possibilidades da técnica como elemento agregador de conceitos, idéias, sensibilidades e subjetivismo que reside o infundável encanto pela



dualidade, que a fotografia detém, de mistério e encantamento.” (QUINTAS, 2007, p.3)

O importante é o processo em que o elemento humano torna-se uma representação mais simbólica, que descritiva, ou seja, configura-se como parte de um todo complexo e transitório que emerge da cotidianidade.

Assim sendo, a imagem captada em parte é personificada pelo fotógrafo, ou seja, é uma "expressão plena daquilo que sentimos com relação ao que estejamos fotografando no seu sentido mais profundo e é, em consequência, a expressão verdadeira do que sentimos com respeito à vida como um todo". (ADAMS apud QUINTAS, 2007, p.4)

A captura da cena a faz ficar estática, nos faz querer saber o que há antes e depois desse momento eternizado, o que há por trás. E esse é o efeito da imagem fotográfica, “Na fotografia, todo o ser fica resumido a um instante, numa informação parcial de alta definição , isto é: extremamente minuciosa naquilo que informa mas que deixa de lado inúmeras outras informações que caracterizam o ‘ao vivo’”.(KUBRUSLY, 1982, p. 52,53). Bem como, a análise da imagem só é justificada pela presença complementar do texto, pois “a imagem não é meio adequado para lidar com idéias (ibidem, 1982, p.14).

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Realizou-se uma pesquisa prévia sobre as movimentações socioeconômicas da região, para auxiliar na construção linear do pensamento e pautar as discussões.

Foram três visitas a campo, uma a feira Hippie de Goiânia – GO e duas a feria da Lua em Aragarças-GO. Uma tiragem de 50 fotos aleatórias, entre as quais foram capturadas imagens dos trabalhadores (garis, expositores, montadores), dos produtos comercializados e dos consumidores.

Para a captura das cenas utilizou-se uma máquina fotográfica modelo Fugifilm, Fine Pix JX280, objetiva Fujinon zoom óptico 5X, F3.6 (Grande angular) – F5.9 (Telefoto), de registro digital.

Na captura da imagem, optamos pela técnica das *feature photos* (SOUSA, 2002). São imagens fotográficas que encontram grande parte do seu sentido em si mesmas, e permitem maior liberdade artística ao fotógrafo.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO



Percorrendo por entre os sentidos e personagens encontrados nas feiras livres, é nítida a capacidade de improvisação e talento dos feirantes. Por isso tentamos realizar um trabalho o menos invasivo possível, na pretensão de capturar o máximo de naturalidade. Um olhar diferenciado, humanizado frente às movimentações e alvoroços da feira.

Nesse percurso aspirávamos uma imagem que contribuísse para a leitura subjetiva e noticiosa, do caráter excludente do mercado de trabalho e a marginalização social sofrida pelos trabalhadores ambulantes.

Realizamos um recorte ascendente à procura de uma profundidade de campo guia ao ponto forte da imagem. Um enfoque estrutural na medida em que a textura e as cores das sandálias vão traçando um caminho até a mulher que as organiza.

Emolduramos em diagonal de modo desproporcional, dinâmico, não tranquilizador. Essa construção destoa das linhas/margens da moldura criando novos sentidos de olhar além do horizontal e vertical. Uma construção que inquieta o olhar do espectador e suscita questões sobre quem é essa mulher, como ela trabalha.

O uso da regra dos terços resultou na combinação de dois elementos - produtos e sacoleira- para criar um ambiente que construísse de modo mais próximo o contexto da cena. O desfoque da personagem legitima todos os demais, uma identificação que está em segundo plano. Houve também um tratamento atencioso quanto às sacolas próximas ao estande, uma tentativa de apresentar o caráter espontâneo das vendas.



Produção têxtil de Goiânia caminha a passos largos, e alcança comércio de Aragarças (sudoeste do estado).



A nossa intenção em “Caminho livre” é justamente a premissa do fotojornalismo, transmitir um sentido unívoco. Buscamos ir além da concepção de que a imagem fotográfica “mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar, ou de se mostrar e transformar as comunicações em viagens do olhar.” (CERTAU, 2009 p.47). Realizamos uma prática reflexiva do fotojornalismo, por que “importa ao fotojornalismo encontrar novos usos sociais e novas funções, que reconheçam o que, com o tempo, se tornou evidente: a dimensão ficcional e construtora social da realidade que a intervenção fotográfica aporta.”(SOUSA, 2002, p.33).

6. CONSIDERAÇÕES

A construção da presente análise esquadrinha por entre conceitos e realidades marginalizadas. Coube-nos por meio do processo fotojornalístico, captar uma história diversa do senso comum, buscar o real, o encantamento por meio da representação imagética que a fotografia nos proporciona.

De modo que as imagens atuam tanto como evidência histórica, quanto como a própria história, visto que a produção do recorte fotográfico submerge em sua gênese uma ação oportuna introduzida numa vasta escala social. Burke (2004), diz que no caso de imagens, assim como em textos, é necessário ler nas entrelinhas, captar o contexto histórico da situação observando os menores detalhes em busca de elementos significativos, ou seja, para a contextualização plural.

REFERÊNCIAS

- BURKE, P. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
SOUSA, P. J. **Fotojornalismo, Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.
CERTAU, M. **Historia do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
QUINTAS, G. **Os sentidos da fotografia**. In: *Jornal do Comercio*, Recife, PE. 22/set/2007, Doutora em Antropologia pela Universidade de Salamanca (Espanha).
VIEIRA, Z.M.R.A. **Metamorfose no trabalho industrial: um estudo sobre os impactos da terceirização na cultura organizacional**. Rio de Janeiro, RJ: E-paper, 2009.
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS. **Pólos produtores: pólo calçadista de Goiás**. Disponível em www.abicalcados.com.br/polos-produtores.html&est=8. Acesso em 25 abr 2012.